

## *As memórias de Edward Said*

### *Memories of Edward Said*

Camila Miranda Martins\*

---

**Resumo:** O presente texto tem por objetivo principal a análise de trechos das memórias de Edward Said, presentes em seu livro *Fora do lugar* (2004); sua discussão está baseada, principalmente, nas leituras e nos conhecimentos de autores como Joel Candau (2012) e Roseli Boschilia (2013). Além disso, abordam-se os conceitos de memória, de escrita de si e de exílio, isso, a fim de se refletir sobre o processo de construção de identidade, no caso de Said, uma identidade “fora do lugar”.

**Palavras-chave:** Memória. Identidade. Exílio.

**Abstract:** The aim of this paper is to analyze excerpts from Edward Said's memories in his book *Out of Place* (2004). The discussion is most based on Joel Candau (2012), and Roseli Boschilia (2013). Moreover, the concepts of memory, self-writing, and exile are studied, allowing to think on the identity construction process, in the Said's case, an identity “out of place”.

**Keywords:** Memory. Identity. Exile.

---

### Introdução

O livro *Fora do lugar* foi escrito por Said pouco antes de seu falecimento, em 2003, com 68 anos de idade. A publicação original é de 1999 e começou a ser escrito pelo intelectual em maio de 1994, enquanto se reestabelecia das sessões iniciais de quimioterapia para o tratamento de leucemia.

Said, nascido em Jerusalém, foi crítico literário e cultural nos EUA, escreveu vários artigos acerca da questão palestina e livros como *Orientalismo e cultura e imperialismo*. Já em *Fora do lugar*, o autor tornou a escrita uma ferramenta de prazer e rememoração.

---

\* Mestra e doutoranda em História pela Universidade Federal do Paraná, bolsista Capes. E-mail: camillamirandamartins@yahoo.com.br

O livro trata da vida do intelectual até 1962, quando terminou o doutorado, mas sempre mostrando um pouco de presente, de como caminhava seu tratamento e de algumas ações recentes relacionadas a isso. A descrição, resumidamente, aborda os lugares onde viveu, as escolas e os amigos de cada uma dessas localidades e a família - lembrando que morou em Jerusalém, de 1935 até 1947; no Cairo, de 1947 até 1951; em uma cidadezinha do Líbano durante os verões, entre 1946 e 1969, e, em Nova York, a partir de 1951, indo passar os verões no Cairo (isso até ser banido por 15 anos do país, por causa de ações ilegais do comércio de seu pai durante os anos Nasser).

A sua escrita está sempre impregnada pelo contexto no qual se encontra: a Segunda Guerra Mundial, a perda da Palestina e o estabelecimento de Israel, o fim da monarquia egípcia, os anos Nasser, a guerra de 1967, a emergência do movimento palestino, a guerra civil libanesa e o processo de paz de Oslo.

A partir dessa leitura das memórias de Said, neste texto procura-se refletir, a partir de autores como Candau (2012), Foucault (1992), Artières (1998), Catroga (2001) e Boschilia (2013), sobre a memória, a escrita de si e o exílio como elementos ativos na construção da identidade. Assim, em linhas gerais, trata-se a seguir da necessidade de escrever de Said e de como procede com ela, constituindo seu próprio eu.

## **O autoarquivamento e a escrita de si**

Said (2004, p. 11), no prefácio, redige as seguintes palavras: “*Fora do lugar* é um registro de um mundo essencialmente perdido ou esquecido. Vários anos atrás recebi o que parecia ser um diagnóstico médico fatal, e isso me fez considerar importante deixar um relato subjetivo da vida que vivi no mundo árabe”.

Assim, o pensador inicia a escrita de si por um motivo, a doença; nos agradecimentos menciona que sua autobiografia começou precisamente após as três primeiras sessões de quimioterapia. Seu intuito é deixar um relato de vida, entende-se, é um meio de ele construir uma imagem de si, uma construção seletiva de caráter totalizadora e teleológica; em suas palavras, “a principal razão dessas memórias, contudo, é, evidentemente, a necessidade de atravessar a distância de tempo e espaço entre minha vida atual e minha vida de então”. (2004, p. 16).

Também afirma que é o registro de um “mundo essencialmente perdido ou esquecido”; dessa forma, pode-se refletir que o autor pretende dar voz ao não lugar, pretende encontrar o si mesmo (no caso, construir a sua imagem), já que, de acordo com Candau, o esquecimento é a origem da perda de si. (CANDAU, 2012, p. 125).

Entretanto, não faz um registro e sim uma representificação, a partir de indícios e traços, pois, no final do prefácio, lê-se que a escrita foi realizada a partir de algo próprio dele, de suas memórias:

Várias pessoas descritas aqui ainda estão vivas e provavelmente discordarão ou ficarão descontentes com o retrato que faço delas e de outros. [...] minha primeira obrigação não era ser simpático, mas sim honesto com minhas talvez peculiares lembranças, experiências e sentimentos. (SAID, 2004, p. 16).

Nessas memórias, Said executa o arquivamento do eu e o exercício de pensar sobre si mesmo, algo que, conforme a leitura de Foucault, não é recente, mas já bastante antigo, como pode ser observado em *Vita Antonii* de Atanásio, ou na correspondência entre Sêneca e Lucílio, ou nos *hypomnemata* de Fundano e Plutarco, nos quais a escrita está relacionada à meditação.

De acordo com Foucault,

a escrita está associada ao exercício de pensamento de duas maneiras diferentes. Uma toma a forma de uma série “linear”; vai da meditação à actividade da escrita e desta ao gymnazein, quer dizer, ao treino em situação real e à prova: trabalho de pensamento, trabalho pela escrita, trabalho em realidade. A outra é circular: a meditação precede as notas, as quais permitem a releitura que, por sua vez, relança a meditação. (FOUCAULT, 1992, p. 134).

Para Said tanto a escrita como a leitura de suas lembranças lhe davam forças para se manter “em funcionamento durante períodos desgastantes de doença, tratamento e angústia”. (SAID, 2004, p. 11). Assim, pode-se pensar que o autor tanto meditava para a escrita como, também, meditava com a releitura: “Quase diariamente e, enquanto escrevia também outras coisas, meus encontros com este manuscrito forneciam-me uma estrutura e uma disciplina ao mesmo tempo prazerosas e exigentes”.

É possível relacionar-se esse trecho com os *hypomnemata* abordados por Foucault; os quais eram livros de contabilidade, registros notoriais e cadernos pessoais que serviam de agenda, não deveriam ser encarados como um simples auxiliar de memória. Constituíam um material e um enquadramento para exercícios a serem realizados frequentemente: ler, reler, meditar. Isso com o objetivo de ter as memórias “à mão”, portanto, não apenas no sentido de poderem ser trazidas à consciência, mas no sentido de serem utilizadas logo que necessário, na ação. A escrita dos *hypomnemata* fundava, de certo modo, um “passado” ao qual se podia sempre regressar e recolher-se. (FOUCAULT, 1992, p. 138).

Nesse sentido, Said podia sempre recolher-se em seu passado, porém, isso lhe exigia uma disciplina regular de escrita, leitura e releitura, o que lhe dava condições de continuar com o tratamento médico. Ainda de acordo com Foucault, a escrita de si trata, ainda, de unificar os fragmentos heterogêneos de memória, por intermédio da subjetivação no exercício da escrita pessoal. Uma escrita que constrói uma imagem de si, uma identidade, pois não é uma escrita autônoma, ela envolve uma construção social.

A seguir abordar-se essa reflexão sobre a memória e a identidade e como ela é fundamental na autobiografia de Said. Contudo, antes, é interessante refletir sobre a necessidade de documentos para se comprovar a identidade, por conseguinte a existência.

Segundo Artières, para se adquirir direitos sociais é preciso apresentar arquivos, que tenham, de certa maneira, uma coerência condizente com a norma; dessa forma, é necessário manter arquivos pessoais, a fim de possuir uma identidade reconhecida, para existir. Assim, é dever de toda pessoa produzir lembranças, e não fazê-lo é confessar a existência de segredos. (ARTIÈRES, 1998, p. 13).

Said questiona a necessidade de documentos para se comprovar qualquer coisa. Ao escrever sobre seu pai e seus feitos, antes de se casar com sua mãe, lembra-se das histórias que contava de quando serviu os EUA, na Primeira Guerra Mundial. Porém, já adulto, quando foi tentar constituir a genealogia da família, não encontrou qualquer tipo de registro escrito ou foto, que validasse essa participação; por isso, questiona a necessidade do documento escrito diante de um relato oral: “Não havia registro de participação sua em nenhuma campanha militar conhecida. Tratava-se provavelmente de um engano, uma vez que ainda acredito na versão de meu pai.” (SAID, 2004, p. 29).

O intelectual, ao praticar a escrita de si, produz uma autobiografia entendida como um arquivo feito a partir de traços, de vestígios, e que comprova sua existência. Portanto, seu livro não deixa de ser um registro, um documento, o qual valida sua vida e sua identidade.

### Memória e identidade

Na modernidade, segundo Fernando Catroga, o núcleo social que concretiza a identidade é a família – ela é o elo entre a identificação, a distinção, a transmissão e a respectiva interiorização da norma. De acordo com o pesquisador, as festas familiares (rituais), a conservação de saberes e de símbolos, a transmissão do conteúdo das heranças, são condições necessárias para a criação de um sentimento de pertença. (CATROGA, 1012, p. 52).

Isso resume o que Said faz ao longo de seu manuscrito. O intelectual escreve com todos os detalhes que consegue se lembrar sobre sua família e os colégios; a maior parte do livro é dedicado a isso e, assim, percebe-se como seriam seus pais, seus parentes, as celebrações familiares, os amigos, os professores, entre outros. Conforme sua escrita se desenvolve, nota-se uma espécie de liturgia da recordação, uma criação de sentido e de sentimento de pertença e de continuidade. Dessa forma, a frase “Recordo-me, logo existo” (MENDONÇA apud CATROGA, 2012, p. 62) apresenta um homem que, em suas lembranças, adquire sua existência.

Nesse contexto, como já comentado, Said tenta, ao longo do livro, fazer uma espécie de genealogia da família:

Eu supunha a existência de uma longa história familiar em Jerusalém [...]. Mais tarde ouvi meu pai falar de nós como Khleifawis, o que, segundo me informaram, era nosso verdadeiro clã original; mas os Khleifawis eram originários de Nazaré. Em meados de 1980, me enviaram trechos de um livro de história de Nazaré, e neles havia uma árvore genealógica, de um Khleifi, provavelmente meu bisavô. (SAID, 2004, p. 25).

A genealogia, segundo Candau, é a busca excessiva de identidade e a transmissão que todo genealogista procura é, antes de tudo, a de si mesmo. Para esse autor, a reapropriação do passado familiar é sempre específica, e o sentido que ela confere aos acontecimentos familiares memorizados é

irredutivelmente singular. Essa reapropriação permite ao indivíduo elaborar e logo narrar sua própria história. (CANDAU, 2012, p. 137-141).

Toda a genealogia buscada por Said lhe permite uma interpretação sobre seu próprio lugar nesse estudo, um lugar obscuro ou, como recorrentemente aparece no texto, um fora do lugar. Primeiro, sua família era árabe, mas de cristãos; seu nome Edward era inglês, mas ele era de Jerusalém; seu sobrenome árabe Said, nunca foi de nenhum de seus avós – “meus fundamentos racionais do meu nome desabaram quando descobri que nenhum de meus avós se chamava Said” (SAID, 2004, p. 20); sua mãe era de Nazaré, mas se passava por egípcia, por causa de egípcio fluente, e tinha hábitos ingleses; seu pai, de Jerusalém, chamava-se Wadie, mas, no meio da vida, mudou de nome para William; por fim, ele próprio era palestino, mas viveu parte da sua vida no Egito e tinha cidadania americana. Diante de uma profunda desorganização de sua verdadeira história, Said confessa:

Mantive por toda a vida essa vaga sensação de muitas identidades – em geral em conflito umas com as outras –, junto com uma aguda lembrança do sentimento de desespero com que eu desejava que fôssemos completamente árabes, ou completamente europeus e americanos, ou completamente cristãos ortodoxos, ou completamente muçulmanos, ou completamente egípcios, e assim por diante. (2004, p. 22).

Conforme Candau, a memória modela as pessoas e é por elas modelada, trata-se da identidade em ação. É muito interessante perceber isso nos escritos de Said, pois toda a construção genealógica que faz se mostra confusa; inclusive, para ele, declarar qual é a sua língua-mãe é complicado, pois não sabe se falou primeiro em inglês ou em árabe, não sabe em qual idioma pensa e vivencia suas experiências. Além disso, a sua composição do eu é complexa, referindo-se a si próprio como *você*, não como *eu*.

Said (2004, p. 19) ainda revela que se sente um fora do lugar por outros motivos; conta que não atingiu as expectativas dos pais e das irmãs, uma vez que foi expulso de um dos melhores colégios do Egito. Nas suas palavras, “sempre houve algo de errado com o modo como fui inventado e destinado a me encaixar no mundo de meus pais e de minhas quatro irmãs”.

Seu pai queria que estudasse e fosse um americano, o que, de fato, Said fez, conseguindo a cidadania americana. Todavia, o filho não mostra com isso a satisfação e a felicidade que o pai esperava. Sua mãe o educou para ser um bom filho, para não ser como os irmãos dela que não davam notícias e não amparavam sua avó; contudo, Said foi enviado ainda adolescente para longe de casa e nunca mais voltou a morar perto dela. Sobre suas irmãs, ele nunca foi capaz de entender o que pensavam ou esperavam dele.

Quando Said se apaixonou pela primeira vez, por uma moça mais velha chamada Eva, filha de uma antiga família conhecida da sua, seu sentimento de fora do lugar cresceu imensamente, pois sua mãe disse a Eva que amava e tinha esperanças no filho, mas que a moça não deveria perder seu futuro com alguém instável, pois ela conseguiria coisa muito melhor. Um pouco das palavras de sua mãe:

Permita-me que seja perfeitamente honesta com você. Você é uma pessoa maravilhosa, com muito a oferecer. O problema não é você; é Edward. Você é muito melhor que ele: ele mal tem um diploma universitário, tem muitas dúvidas sobre o que vai fazer da vida e, dadas as suas inclinações para continuar estudando durante anos, ou então simplesmente vadiar, não tem como sustentar nem a si próprio, que dirá uma esposa e uma família. (2004, p. 373).

Dessa maneira, Said, a partir das expectativas dos pais, se mostra como alguém completamente estrangeiro. Em toda a narrativa ele deixa isso escrito direta ou indiretamente.

Por fim, o intelectual termina suas memórias contando que adora a insônia, pois considera o sono como a morte, apesar dos médicos quererem a todo custo lhe dar sedativos, a fim de amenizar a dor. Assim, sobre as suas discordâncias com os médicos, afirma: “Com tantas dissonâncias em minha vida, de fato aprendi a preferir estar fora do lugar e não absolutamente certo.” (2004, p. 429). Nesse sentido, pensa-se que *fora do lugar* é a maneira de Said estar no mundo.

Nesse caso, analisando de acordo com a perspectiva de Candau, a memória de Said gera certa identidade, uma imagem de alguém fora do lugar, ou seja, a sua memória participa da construção dessa identidade, por outro lado, ela molda predisposições que levam o intelectual a incorporar

certos aspectos particulares do passado, fazendo escolhas memoriais. (CANDAU, 2012, p. 19).

## Memória e exílio

Said e toda a sua família e parentes foram “varridos” de Jerusalém, no final de 1947, por causa da guerra árabe-israelense, permanecendo exilados desde então. Por isso, o autor explica que toda a sua memória, desde muito jovem (doze anos), é a memória de um exilado.

Após o término de seu manuscrito, Said retornou, após muitos anos, para o Cairo, cidade para onde ele, seus pais e irmãs foram após o exílio (o restante de sua família espalhou-se por uma variedade de cidades que atualmente são israelenses, nunca mais voltando a morar na mesma região), e depois do Cairo o autor retornou a Jerusalém. Nas duas cidades, representifica suas memórias, e o sentimento de exílio, de tristeza é sinalizado nelas.

Ao retornar a Jerusalém, os funcionários israelenses, ao verem que era de lá, mas seu passaporte era norte-americano, perguntaram-lhe quando ele havia deixado Israel. Said (2004, p. 12) respondeu que deixara a Palestina em dezembro de 1947, enfatizando a palavra *Palestina*. Também lhe perguntaram se ele tinha algum parente lá e ele respondeu “nenhum”, o que lhe deflagrava um “sentimento de tristeza e perda, cuja intensidade não havia previsto”.

Tal sentimento jamais foi superado pelo pensador que, em sua produção intelectual, deixou isso sempre claro. Conforme Boschilia (2013, p. 11), “Said observa que a experiência do exílio é permeada por uma tristeza essencial jamais superada, na medida em que provoca ‘uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre um eu e seu verdadeiro lar.’”

A autora nos explica que uma identidade como a de Said, um exilado, é híbrida e multiforme, pois, diante da impossibilidade de “voltar para casa de novo”, vive a experiência de estar dentro e fora, em um entre-lugar (2013, p. 14). Said se considera completamente fora do lugar, e quando tem a oportunidade de retornar, assim como Sidónio Muralha, estudado por Boschilia (2013, p. 10), tinha plena consciência de que mais da metade da sua vida foi um indivíduo deslocado, arrastado para longe de suas raízes. Sendo que, a partir dessa experiência de deslocamento evidenciada em ambos, surge o desejo de dedicar-se à escrita autobiográfica, “ou seja, de ‘olhar para trás’, investindo no arquivamento do eu”.

Said (SAID, 2004, p. 13), em seu retorno a Jerusalém, pretendia visitar as antigas casas de sua família, mas todas elas tinham novos ocupantes, o que, segundo o autor, “por razões tremendamente inibidoras e instintivamente emocionais, tornou muito difícil, a bem da verdade impossível, entrar nelas outra vez”.

Já no Cairo, ele reencontrou as antigas vizinhas e o antigo mordomo que o acompanhou do nascimento até sua partida para os EUA, que ficou emocionado ao reencontrar o garoto de outrora e vê-lo tão doente. Nessa cidade, também, ele soube que o apartamento onde tinha morado com a sua família estava à venda e sentiu muita vontade de comprá-lo; entretanto, após pensar bem na questão, Said (2004, p. 13) escreveu: “Não senti entusiasmo algum em readquirir um local que havíamos abandonado quase quarenta anos antes.”

Boschilia (2013, p. 10), sobre esse sentimento de exilado, de deslocado, apresenta-nos a “distinção semântica entre os termos ‘exilado’ e ‘expatriado’, utilizada por vários autores para demarcar as diferenças existentes entre aqueles que foram obrigados a emigrar e os que o fizeram voluntariamente”. Para a autora, o posicionamento de Sidónio Muralha (o qual seria o mesmo que de Said), questiona tal distinção ao mostrar o exílio como algo maior aos fatores que o motivaram, “deve ser problematizado a partir da experiência dos sujeitos históricos que foram a ele submetidos”. (2013, p. 10).

A autora realiza essa problematização a partir de Paul Ilie, procurando refletir sobre “a questão do exílio em uma perspectiva de que, para além do deslocamento geográfico e das rupturas culturais decorrentes da separação física, o exilado também passa pela experiência irreduzível do exílio interior”. (2013, p. 11). Em sua explanação, “tanto as partidas obrigatórias quanto as voluntárias pertencem a um mesmo fenômeno, simplesmente porque ambas promovem uma distorção temporal de uma forma desconhecida para aquele que permaneceu no local de origem”. (ILIE apud BOSCHILIA, 2013, p. 11).

Assim, os funcionários israelenses perguntavam quando e por que Said havia deixado a região, enquanto o intelectual respondia que desde o final de 1947 até a primavera de 1948 “toda a família havia sido varrida do local, e permanecera no exílio desde então”. (SAID, 2004, p. 12-13). Said, ainda perante esses oficiais israelenses, também enfatizava em se referir ao local como Palestina e não como Israel. Em vários momentos de seu manuscrito, a questão da Palestina aparece, inclusive esse é um assunto muito debatido

pelo autor durante toda a sua vida, escrevendo textos a respeito e tornando-se, de 1977 até 1991, membro do conselho palestino, tentando ajudar na resolução do conflito árabe-israelense.

Enfim, o sentimento de exílio de Said não se resumia à Jerusalém, sua cidade natal, já que, durante todo o período Nasser no Egito, ele ficou proibido de entrar no país e visitar sua família no Cairo, a única cidade que ele considerava “meio que” um lar. Já a cidadezinha em que passavam o verão no Líbano, Dhour el Schweir havia sido destruída durante a Guerra Civil libanesa e um dos melhores colégios, que ele frequentara no Egito, Victoria College, o havia expulsado devido ao seu jeito “malcriado” (na definição de sua mãe). Depois desse colégio, Said foi estudar nos EUA, longe de qualquer conhecido.

Dessa forma, é interessante notar que Said estava sempre se posicionando frente ao desconhecido, construindo e reconstruindo sua identidade. Nesse processo, a sua memória estava sempre se vinculando e se desvinculando a lugares, afirmando e desconstruindo identidades regionais ou locais, de tal maneira que o pensador apresenta uma identidade múltipla e, como afirma, fora do lugar.

### **Considerações finais**

As memórias de Edward Said permitem pensar a respeito da escrita autobiográfica do autor, refletindo sobre seu intenso sentimento de deslocamento, de exilado, o que influencia na constituição de sua identidade. Na escrita de si, o pensador se identifica como um fora do lugar e, ao longo de toda narrativa, constrói a imagem disso, mostrando como, desde muito jovem, era um desarticulado, inclusive, chegando ao fim de sua vida como alguém dissonante.

Nesse seu processo de autoarquivamento, Said evidencia sua necessidade de estabelecer uma conexão entre a vida presente e o passado no mundo árabe, a fim de manter a disciplina na escrita, combatendo o sofrimento causado pela doença, e tecendo sua própria existência.

Assim, a leitura de suas memórias soma aos estudos da área a contribuição principal de que a memória é constituída por traços, cuja construção e reconstrução é sempre parcial, formando certa imagem do passado. Esse pensamento gera um questionamento a respeito de como determinada memória e certo passado são moldados e apresentados,

permitindo refletir sobre o próprio fazer histórico, ou o fazer de outras disciplinas, empenhadas na construção do passado, e sua relação com a memória, assunto que continua fomentando pesquisas.

## Referências

---

- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos históricos*, v. 11, n. 21, p. 9-34, jan./jun. 1998.
- BOSCHILIA, Roseli. Sidónio Muralha: memórias autobiográficas de um homem arrastado. *Naveg@merica. Revista electrónica editada por la Asociación Española de Americanistas*, n. 11, 2013. Disponível em: <<http://revistas.um.es/navegamerica>>. Acesso em: 9 mar. 2018.
- CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CATROGA, Fernando. Memória e história. In: PESAVENTO, Sandra (Org.). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: UFRGS, 2001. p. 43-67.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992.
- SAID, Edward. *Fora do lugar: memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

